

Luís Pinheiro Brum

EXERCÍCIOS DE MEMÓRIA

Sala Dacosta
Museu de Angra do Heroísmo
25 de Janeiro a 29 de Março

O mundo transforma-se. E esse movimento expressa-se através da forma como comunicamos. A língua proto-indo-europeia, com a qual partilhamos palavras fundamentais - apreendidas e transmitidas pelos nossos ascendentes - possui um termo para fogo: *ignis*. Hoje a palavra mais próxima seria *ignição*, uma ideia tangencial ao fogo, pois a sua representação transformou-se com a sua utilização. O fogo tornou-se o *começo* de algo. Usamos e damos nomes a objetos e conceitos, sem dar conta que estes se transformam, por sucessivas repetições, em algo de novo. Pensamos na ideia de fogo como algo de eterno, porém a maneira como olhamos para ele tem mudado. Desde fonte de proteção a uma causa de caos, este conceito teve muitos lugares diferentes no nosso subconsciente.

Nesta perspetiva, surge um objeto central à humanidade e banal ao olhar e à sua função: o livro. Tal como o fogo, é um conceito fulcral para a relação da humanidade com o mundo. Na construção de um objeto que regista conceitos no tempo, ele torna-se num objeto memória fundamental, central no pensamento humano, viabiliza a comunicação de forma concreta com seres humanos de épocas passadas e muda a relação com a realidade e com a verdade.

Com a evolução, este objeto encontra-se também numa posição de charneira, questionando-se a sua posição perante um mundo. Um mundo em que a informação deixa de estar escrita sobre a matéria e passa a ser inscrita pela eletricidade. Uma informação veloz, mas exponencialmente mutável. E o livro torna-se um símbolo. Deixa de ser o transmissor de ideias humanas por excelência e torna-se um monumento ao conhecimento, por vezes vítima de outros veículos derivados, sujeito a transformações por estes. Simplesmente existindo, o livro em si torna-se a ideia solidificada. Uma biblioteca passa a ser um museu e o livro passa a ser uma escultura.

Luís Pinheiro Brum

